

O Santo Matrimônio na Igreja Anglicana

*Rev. Dr. Rodson Ricardo Souza do Nascimento*¹

Introdução: *Matrimônio, o sacramento do amor.*

Desde suas origens as comunidades cristãs buscaram formas de celebrar e orientar a vida dos casais que recebiam o batismo e participavam da eucaristia. Muito rapidamente surgiu no Oriente o costume de se estabelecer uma bênção solene aos casais por um sacerdote (bispo ou presbítero), estabelecendo a passagem ao estado de casado. No Ocidente o processo foi bem mais lento, mas o sentido não foi diferente: simbolizar a relação entre o amor dos seres humanos e o amor divino (LACOSTE, 2004).

É somente porque um dos cônjuges é batizado que a cerimônia do casamento pode ganhar o significado teológico de expressão sacramental. Graças a este fato um gesto mundano torna-se símbolo de algo divino. Como lemos em uma dogmática luterana: “De um lado, o matrimônio é o acontecimento antropológico fundamental, a coincidência que ocorre entre a necessidade comunitária e o destino individual. Como todo antropólogo sabe, o matrimônio é a unidade básica da sociedade. Assim, sua santificação mediante o Batismo não é a santificação de um acontecimento comum”. E, de um lado, a intimidade e permanência única da união matrimonial tornaram-se a única imagem criada possível da união com Cristo estabelecida no Batismo (Ef. 5, 21-23)”. (BRAATEN; JENSON, 1995, p. 194).

A expressão “sacramento do Amor” deve-se a S. João Crisóstomo (305-407) um dos poucos teólogos antigos a defenderem o valor intrínseco do casamento. Amar é uma experiência profundamente humana. Quando se decide submeter esse amor à vontade de Deus, ele assume o testemunho do próprio amor divino (Ef 5, 31-33). A Igreja entende que, no matrimônio, Deus oferece seu próprio amor para fortalecer e nutrir a vida dos nubentes.

1. O casamento no plano de Deus

O casamento existe desde as origens do mundo (Gn 1,26-28). Para a Igreja o casamento é mais que uma simples instituição humana é um projeto de Deus para a humanidade. A Bíblia inicia com a criação do homem e da mulher a imagem e semelhança de Deus e termina com a visão mística das “núpcias do Cordeiro” (Ap.19). Dessa forma, de um extremo ao outro, ela nos dar testemunho do “mistério” da união de um homem e uma mulher. Por isso o modelo original de Deus foi a monogamia (Gn 2, 18-24; 4,19).

Isto não significa negar as falhas do povo de Deus e as influências recebidas por outros povos. No mundo antigo casamento era um grande negócio para os homens. Mesmo em Israel a poligamia tornou-se expediente fácil. Foi contra essa forma de entender o casamento (escola de Hilel) que Cristo se levantou. Na Grécia a mulher vivia confinada ao Gineceu e a romana era um simples propriedade do marido. A própria palavra latina *matrimonium*, em Roma – *in manum alterius*- ou seja “Em mãos de outro”, a submissão era total. Nesse modelo, (posteriormente absolvido pela igreja nascente) o homem era o centro da casa, o responsável pelo sustento e pela procriação. Como lembra EV “Dentro desta

¹ Clérigo da Diocese Anglicana do Recife. Pároco da Natividade/Natal/RN. Professor do Curso de Ciências da Religião/UERN.

mentalidade, especialmente no Ocidente, a procriação tudo dominava e o homem era o *pater familias*. No parecer de Santo Ambrósio: *Feminis haec (prolis) sola est causa nubendi* (a procriação é a única razão do casamento).

No Israel Antigo o matrimônio era francamente poligâmico e machista: “Desejava-se uma família poderosa com muitos filhos: ‘Gedeão tinha 70 filhos; possuía muitas mulheres’ (Jz 9,30). Ter pelo menos duas mulheres era uso comum (1 Sm 1,2; Dt 17, 17). Além disso: “A mulher aparece, no matrimônio, como propriedade; o homem é o seu dono (Ex 21, 3; 2Sm 11,26; Sr 26.2). Tomar uma mulher significa tomar posse dela (Dt 21,13; 24, 1) mulher casada é mulher que tem dono (Dt 22,22), é propriedade do homem (Sr 26.3) (BAUER, 2000, p. 251).

Mas essa não era a vontade de Deus. A chave para se ler o matrimônio no Primeiro Testamento não é a do “Contrato”, mas da “Aliança”. Se a instituição do matrimônio sempre esteve ligada às esferas do direito, em Israel este direito está intimamente vinculado à aliança (berit) entre Deus e seu povo (TABORDA). Assim o matrimônio é uma aliança, uma metáfora para o relacionamento de Deus com Israel. Deus cuida dele, o protege (Pr 2,17; MI 2,14). Por isso a condenação ao adultério. Mas será nos textos de Oseías e no Cântico dos Cânticos que a relação entre matrimônio, amor e aliança será explicitada.

Em Oseías a aliança de Deus se apresenta fundada, não no medo ou na troca (contrato), mas no amor incondicional. “Eu me casarei com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura” (Os 3,21). Toda a pregação do profeta é fruto de sua dolorosa experiência amorosa. Ele amava sua esposa de todo coração, mas essa não lhe retribuiu a fidelidade e o sentimento. Ainda assim ele não a abandonou, continuando disposto a perdôá-la e recomeça o casamento. A dor de Oseías torna-se símbolo do amor de Deus pelo seu povo.

No Cântico, “esse evangelho do amor erótico e da sensualidade”, no dizer de Schillebeckx, traz uma teologia extremamente profunda do amor entre um homem e uma mulher: “Num ambiente que não rejeita em princípio a poligamia, o Ct canta um amor único e indivisível, expressamente em oposição ao rei com seu harém (Cf. Ct 6, 8s). num ambiente onde o divórcio é possível, Amado e Amada celebram o amor como eterno e indissolúvel (Cf. Ct 8,6). Num ambiente patriarcal, onde a mulher é considerada inferior, os dois protagonistas do Ct se apresentam em relação de paridade e pertença mútua (Cf. Ct 2,16; 3,1-4; 5,1-16). (TABORDA, 2007, p. 41).

Para nós, cristãos, a grandeza dessa união foi estabelecida e abençoada por Jesus Cristo, quando realizou seu primeiro milagre nas Bodas de Caná, ao transformar água em vinho (Jo 2). Além disso, Jesus afirmou qual é a vontade de Deus para os que se casam no momento da discussão com os Fariseus (Mt 19, 1-12). Sobre esse texto, especialistas, afirmam: “Se alguma frase pudesse com algum grau de precisão histórica ser atribuída ao Jesus histórico, então essas afirmações estariam entre as primeiras candidatas” (FIORENZA, 1997, p. 398). O ensino de Jesus sobre o matrimônio foi tão radical que escandalizou até mesmo os discípulos mais próximos. Sua visão desafiava criticamente o matrimônio patriarcal de então, e restabelecia a dignidade originária da mulher na criação divina – “homem e mulher os criou” versus “a dureza dos corações”.

Na nova comunidade, que é a Igreja, o casamento deve ser regido não pelas leis dos homens, mas pelo projeto de Deus: “No principio não era assim” (v. 8b). No dizer de um grande teólogo ortodoxo: “Este rápido diálogo ressalta a vertiginosa distância entre a ordem divina e as instituições humanas. Em que momento exato o “que era no princípio” passou para “o que é agora”, a noite dos tempos e o

“crepúsculo dos deuses” o encobrem [...]. (EVIDOKIMOV, 1989, p. 19). E conclui: “O cristianismo elevou a união conjugal à dignidade do sacramento”. Mas esta promoção revolucionária contraria tendência profundamente ancorada do ponto de vista universal. Esta só considera o casamento do ponto de vista exterior à utilidade sociológica, do ângulo dos direitos e dos deveres” (Idem, p. 19). Resta aos cristãos lutarem para viverem em suas vidas os ensinamentos do Cristo.

3. O casamento e a espiritualidade do casal cristão contemporâneo

Partilhar a vida com outra pessoa não é fácil, especialmente na sociedade atual. A emergência de uma civilização hedonista pós-moderna gera indivíduos imediatistas, movidos pela lógica do “*carpen diem*” (usufruir a vida) e do “ficar”, que em muitos aspectos impossibilita a plena realização da vida sexual, emocional e espiritual que o matrimônio cristão possibilita. As liberações de hoje são muito superficiais, acontecem em função do erotismo fácil e sem conflitos. A facilidade do divórcio civil reduz muitas vezes o casamento à insignificância de acasalamento sem perspectivas, à transação comercial ou ampliação de *status*.

No entanto, é dever da Igreja oferecer ajuda para que o casal possa experimentar a fidelidade, o serviço desinteressado ao outro e a promoção da dignidade entre ambos. Num mundo marcado por tantas divisões e conflitos, o matrimônio serve como uma contrapartida de comunhão e esperança. A Igreja Anglicana afirma que para está casado é necessário ter vocação: “Vocação para a santidade”. A Conferência de Lambert lembra que: “Quando Deus chama homens e mulheres para o estado de casados, e lhes dá o devido apoio, o amor de Deus por eles é criativo, redentor e santificador” (LAMBERTH 1968 Apud ARCIC, 2008, p. 60).

O casamento oferece aos esposos a possibilidade de libertar-se da solidão (pós) moderna e de viver um encontro e uma caminhada por toda a vida. É nesta “escola” que os esposos poderão aprofundar sua relação com Deus: “A partir do diálogo, da mútua escuta, do encontro amoroso recíproco, os esposos cristãos podem evoluir para o diálogo com Deus, a escuta de Deus, o encontro com ele” (PAGOLA, 2000, p. 31). É em meio às dificuldades e tentações do cotidiano que o casal cristão aprenderá a reconhecer a graça e a proteção divina: “Os esposos cristãos sabem, que em seus momentos de fraqueza, de pobreza e de limitação, buscar a graça e a força de Deus. Sabem, em seus momentos de prazer e de plenitude, abandonar – se a louvação e à ação de graças ao Criador”. (Idem, p. 32).

Tem ainda a oportunidade de alcançar uma intimidade e um prazer sexual diferente da vulgaridade e dos estereótipos da sociedade de consumo. Deve aprender a celebrar sua união sexual como uma festa do amor, da intimidade e do prazer, manifestação da bondade e da vida doada pelo Criador. Na perspectiva do Cântico dos Cânticos: “O sacramento do matrimônio, longe de destruir o prazer ou a felicidade matrimonial, oferece aos esposos a possibilidade de abrir seu amor sexual a uma dimensão máxima e transcendental fazendo de sua união amorosa sinal e presença do amor de Deus” (Idem, 2000, p. 33).

Esta dimensão espiritual é o grande mistério de qual fala São Paulo na Carta aos Efésios no capítulo cinco: a capacidade de, partir de nossa humanidade, apresentar o divino. O amor do casal cristão deve crescer e se fortalecer a ponto de se derramar, irradiando-se pelo mundo. Amar como forma de

evangelizar. Pois “quando uma pessoa vai se impregnando de amor, não cresce somente sua relação amorosa com alguém, e sim sua capacidade de amar” (Idem, 2000, p. 34).

Por outro lado a falibilidade das pessoas, as uniões equivocadas e as mudanças sócio-culturais têm levado, no entanto, muitos matrimônios a se desfazerem. Os casais cristãos devem buscar, a exemplo de Oséias, transformar seus lares em “escolas de perdão”. A vida matrimonial exige uma atitude de perdão, paciência e de compreensão da fraqueza do outro e de abertura para a reconciliação: “Tudo isso exige que os esposos continuem reconquistando e fortalecendo dia a dia seu amor conjugal numa atitude de perdão e compreensão recíprocos” (Idem, 2000, p. 35).

Lamentavelmente há casos em que isso não é mais possível. A visão do matrimônio como uma aliança duradoura e frutuosa, cheia da graça de Deus, nem sempre é realizada nas realidades da vida humana. Como afirma São João Crisóstomo: “Mais vale romper o casamento do que vir a se perder” (Apud EVDOKIMOV, 1989, p. 198).

Por isso, Anglicanos e Ortodoxos reconhecem o divórcio, tendo por base os textos de Mateus 5, 32 e 19,9. Como lembra Evdokimov: “A Igreja reconhece, portanto, que casos existem em que a vida conjugal esvaziou-se de sua substância sacramental e não passa de profanação perpetuada, levando até à perdição da alma. A indissolubilidade do elo corre o risco de compelir à mentira; ao proteger o bem comum, massacra-se o bem pessoal” (EVDOKIMOV, 1989, p. 198). Igual posição tem a Igreja Anglicana: “Quando um relacionamento de amor e confiança mútuos deixou claramente de existir, e não há nenhuma possibilidade prática de reatá-lo, o vínculo por si só, deixou de existir. Quando o passado já foi perdoado e cicatrizado, um novo compromisso e vínculo poderão ser assumidos em boa – fé” (AR-CIC, 2000, p. 51). Por isso admite-se a possibilidade de pessoas, acompanhadas pastoralmente, reconstruírem-se efetivamente com um novo (a) parceiro (a) sem perda do valor intrínseco do Sacramento.

Ao aceitar o divórcio a Igreja Anglicana testemunha seu profundo respeito pela pessoa humana e pela afirmação carismática do amor conjugal. Nestes casos a Igreja procura oferecer a essas pessoas o socorro espiritual de que precisam, para refazer suas vidas e experimentarem a misericórdia de Deus. Se há exigências rigorosas para se realizar um novo rito é porque se deseja prevenir leviandades e advertir da seriedade do matrimônio, evitando o perigo da pessoa novamente comprometer sua vida. Entende, como lembra o teólogo ortodoxo, que: “O amor é uma ruptura na sociedade e na natureza. Na economia da queda, opõe-se ao arbitrário, pois comporta purificações ascéticas e sofrimentos livremente aceitos. Elevado à ordem do espírito, é capaz de fazer milagres”. No entanto: “Se não é compartilhado ou compreendido, torna-se martírio e apresenta estigmas. Não se trata de bens terrenos, mas sim da salvação da liberdade divina do homem e de sua dignidade celeste. Na conquista da alteridade do outro, o amor pode tornar-se agonizante, porém sem jamais perder sua grandeza”. (EVDOKIMOV, 1989, p. 195-196).

O anglicanismo não possui um código unificado para todas as Igrejas. Da mesma forma não existe um padrão absoluto de liturgia. Embora esta circunstância apresente alguns inconvenientes, a unificação das formas canônicas e litúrgicas pressupõe um único modelo normativo para as Igrejas locais (províncias), o que seria estranho ao espírito anglicano. A unidade fundamental da fé e do culto, substanciadas no Livro de Oração Comum (LOC), pode encontrar diferentes formas de expressão, conforme a tradição local.

A Liturgia de Matrimônio Anglicana

No *Livro de Oração Comum* atual “o casamento é um pacto solene entre um homem e uma mulher na presença de Deus. Na Igreja Anglicana exige-se que, pelo menos, um deles seja batizado” (p. 183). O “casamento cristão” ou “Santo matrimônio” surge como esse instrumento de Deus para unir no amor de um homem e uma mulher no amor do seu Filho, conferindo ao casal as bênçãos e graças necessárias para que consigam ser fiéis e cumprir diante da Igreja e da comunidade essa aliança conjugal (TAKATSU).

O matrimônio não é um fato privado, mas público. Ou melhor, dizendo: um acontecimento fundamentalmente eclesial e não apenas familiar. É um momento de afirmação da fé dos nubentes perante a comunidade do propósito e da promessa de realizar na vida a dois o projeto do Criador, “restaurado por Cristo, participando da missão salvífica da Igreja” (TABORDA, 2007). Esse é o sentido maior das normas canônicas e da celebração litúrgica. Por isso que o matrimônio começa com a preparação adequada do casal e na *proclamação dos proclames*.

O matrimônio não deve ser uma mera cerimônia social; uma espécie de “certificado de garantia contra a separação” a infelicidade ou algum “Contrato de conveniência financeira”. O sucesso do casamento cristão exige, além da fé e do amor de ambos, o amadurecimento; o conhecimento mútuo; o planejamento financeiro; a preparação psicológica e espiritual, e o mais importante, a decisão de se amarem um ao outro em qualquer situação (LOC, p. 183).

A Tradição Anglicana, em concordância com todo o Ocidente, considera que são os próprios nubentes os ministros do casamento, que fazem com que ele se concretize por meio do juramento solene, das promessas e da troca de alianças (ARCIC, 2007). O ministro ordenado, preferencialmente um bispo ou um padre, (ou outra testemunha qualificada) rememora o dom e a tarefa do matrimônio e, em nome de Deus e da comunidade, recebe as promessas dos nubentes e os abençoa. Por sua vez a assembléia presente (*ekklesia*) se une na oração para intercede pelo casal, invocando sobre eles a graça do Espírito Santo, e, sempre que possível, comungando juntos da santa eucaristia.

A celebração matrimonial

O casamento começa pela alegria, mas como nas núpcias de Cana: “A hora ainda não chegou”. E apenas o início da caminhada. O rito do matrimônio (p. 182-191) resume, de maneira simbólica, o projeto divino para a vida conjugal. O ser humano é um ser cultural. Nossa vida está permeada pela presença dos símbolos, gestos e imagens que nos falam de coisas que ultrapassam os sentidos. O rito matrimonial é uma maravilhosa expressão desta nossa dimensão espiritual. Quando os noivos dizem SIM, no altar, o dizem de modo muito abrangente: um para o outro, para a família, para os amigos, para os colegas de trabalho, para a sociedade, e principalmente, para a comunidade de fé, que é a Igreja. Esse SIM é um compromisso de amor, com liberdade, assumidos pelos noivos diante de Deus que deverá se renovar continuamente.

A mudança mais importante no ritual atual é a ênfase no matrimônio como Aliança e não como Contrato. Isto representa uma volta para uma perspectiva bíblica e primitiva cristã. Contratos tratam de questões financeiras, impessoais, nas quais Deus não atua de forma cabal. Na Aliança Deus age como testemunha e garante o cumprimento da relação.

A celebração sem a Santa Eucaristia, contém os seguintes momentos:

- 1º) *Acolhida com a leitura da Prefação;*
- 2º) *Diálogo com os noivos e Declaração de Consentimento;*
- 3º) *Oração pelos nubentes;*
- 4º) *Leituras Bíblicas;*
- 3º) *Homilia;*
- 4º) *Rito matrimonial;*
- 5º) *Benção e Entrega das Alianças;*
- 7º) *Pai Nosso;*
- 8º) *Orações pelo casal;*
- 9º) *Benção Nupcial;*
- 10º) *Benção Final e Despedida.*

O Rito inicia-se com a leitura da *Prefação matrimonial*. (LOC, p. 183). “(Deus estabeleceu na Criação o vínculo e o pacto matrimonial...)”. Neste texto é feita uma síntese teológica do sentido do matrimônio cristão, começando com a Criação e terminando nas Bodas de Caná. É importante destacar os propósitos do casamento.

Para a Igreja Anglicana o matrimônio deve ser sempre: “união de esposo e esposa, no coração, corpo e mente”. Essa frase afirma a igual dignidade entre homem e mulher e o sentido moderno do companheirismo. Na ordem das prioridades do matrimônio temos: a) Para edificação mútua; b) Para ajuda e consolo de ambos tanto na alegria como na adversidade; c) Para, quando Deus assim o permitir a procriação dos filhos e sua educação no conhecimento e amor do Senhor e d) Para serem testemunhas do amor de Deus a outras pessoas. Aqui se tem uma escala de prioridades. O Livro de Oração Comum entende que a procriação não é o único propósito nem a primeira prioridade. O planejamento familiar é alguma coisa que cabe ao casal livremente planejar.

O casamento como ato público é sujeito às leis do país e é transparente. Essa transparência é expressa pelo último parágrafo da p. 183, “Se alguém, aqui presente, pode mostrar justa causa pela qual os noivos não possam casar-se legitimamente, tem oportunidade de manifestar-se”. Legitimamente se refere à consangüinidade, bigamia, que um dos noivos é casado ou casada em outro local e alguém pode testemunhar contra o casamento legítimo.

A declaração de consentimento (p.184) nos lembra que o casamento é um ato livre, sem coerção, para união conjugal vitalícia e monogâmica, de fidelidade mútua através das circunstâncias favoráveis e adversas sublinhadas pelos termos: enquanto ambos viverdes, renunciando a outros, tanto na saúde como na doença. A Liturgia do LOC brasileiro conservou a antiga tradição inglesa, presente desde Arcebispo Crammer (1556), de iniciar com os “votos de noivado”, com o verbo no futuro (inglês) ou no subjuntivo (brasileiro). Há de se perguntar da relevância dessa prática medieval em nossa cultura.

Em seguida é perguntado se os presentes também se comprometem com os votos. Não seria mais interessante seguir o rito católico atualizado que consiste no diálogo com os noivos, na resposta a três perguntas?

1º) Se pretendem se unir em matrimônio, de livre e espontânea vontade? (“SIM”, de um e de outro);

- 2º) Se prometem amor e fidelidade por toda a vida? (“SIM”, de um e de outro);
3º) Se os presentes se comprometem a ajudar a que isso se torne realidade? (“SIM” de todos).

A *Liturgia da Palavra* começa com uma oração pelo casal que lembra o sentido da Criação e roga a graça de Deus sobre os mesmos (p.184). No LOC brasileiro são indicados 14 textos e 3 salmos para serem escolhidos para a cerimônia (p. 191). É exigido apenas que uma delas seja do Evangelho. Estes textos testemunham o sentido bíblico do matrimônio (Gn 1, 26-28; 2.4-9; 15-24); a relação entre o casamento o amor (Ct 8, 6-7; 1 Co 13, 1-13) e a vida cristã (Ef 5, 1-25; 21-23).

Após as *leituras* acontece a *homilia ou sermão*. É um momento particularmente importante para a evangelização. O sacerdote deve fazer uma ligação entre o sentido teológico do rito e a vida do casal. Quanto maior for seu conhecimento do mesmo, mais fácil será esta missão.

Após essa *reflexão*, os noivos fazem as *promessas* um ao outro com termos um pouco mais enriquecidos quanto às circunstâncias da vida: “na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença... até que a morte nos separe”. (p.186). As dificuldades que muitos casais (e alguns teólogos) têm com relação à frase: “Até que a morte os separe”, por entenderem que tal intenção vitalícia não pode mais ser cumprida apenas retrata o grau de afastamento da cultura contemporânea e dos ideais cristãos.

O celebrante pede então que os noivos, de frente um para o outro, dêem-se a mão direita, para a manifestação do consentimento. Nesse instante, os noivos declaram o seu consentimento, dizendo a seguinte fórmula:

Noivo: *Em Nome de Deus, Eu, (“fulano”), recebo a ti (“fulana”), para seres a minha esposa, de hoje em diante, para conservar-te na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para te amar e cuidar de ti, até que a morte nos separe. E para isso, eu te dou a minha palavra de fé.*

De igual modo, a noiva dirá:

Noiva: *Em Nome de Deus, Eu, (“fulana”), recebo a ti (“fulano”), para seres a meu esposo, de hoje em diante, para conservar-te na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para te amar e cuidar de ti, até que a morte nos separe. E para isso, eu te dou a minha palavra de fé.*

Essa troca de promessas aponta para o elemento fundamental da união do casal: a decisão de se amarem livremente, com todos os direitos e obrigações dessa decisão. Isso significa que é preciso ter o relacionamento de muito amor. E, muitas vezes, o amor se enfraquece, e a exigência vem antes da doação, por isso, é preciso que o amor doador e ressuscitador de Deus em Jesus Cristo permeie a vida do casal. Isto não é fácil e nem o casamento é um passe de mágica, um selo que garanta sua realização. É necessária a graça divina e a “sinergia” do casal para que isso aconteça.

Como símbolo definitivo desse ato acontece a *Troca das Alianças*, agora colocadas no dedo anular esquerdo, tradicionalmente associado a proximidade do coração. Na oração da bênção lemos: “Abençoa, ó Senhor, estas Alianças, para que os noivos, que ora as recebem na tua presença e perante esta congregação, permaneçam na tua paz e continuem sob tua graça, até o fim de suas vidas” (p.186).

Cada um dos noivos colocará a Aliança no dedo anular (esquerdo) do outro dizendo: “N”., *recebe esta Aliança como símbolo de meu amor e fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.* A fórmula trinitária lembra que é na Trindade que temos o modelo perfeito de comunhão e fidelidade. Estranhamente o LOC brasileiro omitiu a linda formulação dos ritos inglês e americano: “N”, *Recebe esta aliança como símbolo das minhas promessas, e com tudo o que sou, e com tudo o que tenho, eu te honro, em Nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém”.*

Após a troca de alianças, o ministro ordenado proclama que ambos estão casados (p.187). Infelizmente o LOC brasileiro omitiu a frase: “O que Deus uniu o homem não separe” (Mt 19, 6). Originado da “Ordem de casamento” de Lutero e presente na maioria dos LOCs, esta frase, associado ao ato de unir as mãos dos cônjuges, pôr sob a estola, possuem um simbolismo que não deveria ser abandonado (WHITE, 1997). Outra coisa estranha é a ausência do beijo, culturalmente visto como de grande valor poético e teológico.

Após estes gestos os dois já não são mais noivos: são marido e mulher, diante de Deus e de toda a assembléia presente. Então, de pé e de mãos dadas, todos farão a Oração Dominical. Os padrinhos, amigos ou parentes poderão fazer ainda algumas orações pelo jovem casal. Seguida pela Bênção matrimonial, a despedida e o abraço da paz caso não haja celebração eucarística.

A oração do *Pai Nosso*, na sua forma ecumênica (com doxologia no final) é a mais importante das preces cristãs. Basta lembrar apenas que nos ensina a chamar Deus de “Pai” e a tomar todos os seres humanos cristãos, judeus, islâmicos, budistas ou ateus, como nossos irmãos. Pois o Pai não é de ninguém em particular. No entanto há de se perguntar se não seria melhor colocá-la ao final das preces, como coroamento litúrgico de toda a intercessão.

A primeira oração após o Pai Nosso, invoca a proteção divina sobre o casal e afirma a unidade teológica dos mesmos: “Eterno Deus, Criador e Preservador da vida, Autor da Salvação e Doador de toda a graça; contempla com teu favor o mundo que criaste e pelo qual o teu Filho deu sua vida; e especialmente a N. e N., quem tornas uma só carne no Santo Matrimônio. Amém” (p. 187). É importante destacar a riqueza teológica dessas orações.

Nelas está explícito um elemento caro a tradição anglicana: a relação entre Criação, Encarnação e Redenção. Há uma visão do mundo criado e para esse mundo, e no qual Jesus Cristo deu sua vida. Aqui temos a afirmação da “Nova Criação”, com a qual nos comprometemos por meio do nosso Batismo (Gl 3, 27-28). O casal “agora unido de corpo e alma”, são agora símbolos vivos da unidade de Cristo e sua Igreja. Devem viver plenamente a nova vida à espera da futura. Isto não significa ser ingênuos quanto às adversidades e imperfeições desta vida. Mas que se deve ter esta dimensão escatológica. O matrimônio é este elo entre o “já” e o “ainda não”. O amor não depende da “ordem do dia”, mas da ordem do “último dia”.

A oração seguinte lembra a presença destes momentos de angústias e fragilidades: “Dá-lhes sabedoria e devoção para que ordenem sua vida em comum, de modo que cada um seja para o outro fortaleza na necessidade, conselheiro nas dúvidas, consolo na tristeza e companheiro na alegria” (p. 188). A vida do casal é visualizada como um processo, caminhada em que há alegria, satisfação, mas também frustrações, coisas imprevistas que acontecem. É preciso que ambos tenham o senso da presença de Deus como no Salmo 23, “mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo

algun, pois tu estás comigo, a tua vara e cajado me protegem.” É preciso que busquem modelar suas vidas aos propósitos de Deus, para que sejam “sacramentos” de seu amor ao mundo.

O objetivo maior da vida cristã é a bem – aventurada unidade com Deus, fonte de toda vida. A segunda oração pede a abundância espiritual para o casal: “Permite que suas vontades se entrelacem na tua vontade e seus espíritos no teu Espírito, para que cresçam em amor e paz contigo e um com outro, todos os dias de sua vida”. Na linguagem bíblica, o espírito, é a dimensão da vida humana aberta para o transcendente, para Deus. A oração pede um relacionamento profundo com Deus, uma participação no seu Ser. Na tradição anglicana isso acontece por meio das orações e dos Sacramentos, principalmente a Eucaristia.

Essa participação voluntária, já expressa na primeira oração, na forma do ordenamento da vida comum e na oração na segunda, surge agora no exercício do perdão mútuo: “Concede-lhes a graça, ó Senhor, para que, quando se magoarem, reconheçam e aceitem suas falhas, e perdoem-se mutuamente e busquem o teu perdão. Amém”. O pecado não é algo que fazemos, mas algo que está em nós. Por outro lado, graças ao Batismo e a presença do Espírito Santo, somos santos, reis, profetas e sacerdotes. No matrimônio é possível desenvolver o ministério da reconciliação, sendo cada vez mais, um espelho da graça divina, manifestação do amor de Deus, que em Cristo nos perdoa e abre os caminhos para uma vida nova.

Somente mantendo essa unidade mística do casal com Deus é possível alcançar o que pede a terceira oração: “Faze que sua vida comum seja um sinal de amor de Cristo para com este mundo dividido e pecador, e que a união vença a divisão, o perdão sare a culpa, e a alegria conquiste o desespero. Amém”. Esta oração fala na vocação dos casais cristãos no mundo real como testemunhas do amor que vence aquilo que separa as pessoas, sana as feridas da culpa, e com alegria sobrepuje o desespero.

O casal dever ser missionário em seu viver. No passado se pensava que só os clérigos, padres, pastores e ministros da religião eram vocacionados. Hoje, se sabe que todos possuem essa capacidade. E os casais pela vida de amor em comum testemunham que Deus amou o mundo e enviou Jesus Cristo, tornando-se dessa forma, apóstolos de Sua missão.

Como parte dessa missão está à disseminação da vida. Neste caso no nascimento de filhos: “Outor-ga-lhes, se for de tua vontade, o dom e herança de filhos, e a graça para criá-los em teu conhecimento, amor e serviço. Amém”. Aqui há um elemento a ser destacado: a Igreja Anglicana entende que os filhos são importantes no casamento, mas não é o essencial. Não é a procriação que determina e constitui o valor do matrimônio. Como afirmou São João Crisóstomo: “E quando não tiverem filhos, continuarão a ser dois numa só carne? Evidentemente, sim, pois é o amor conjugal que produz esse resultado”. Porém o verdadeiro amor é abertura para o outro e para a vida. Esta oração tem forte influência agostiniana. Santo Agostinho (334-430) afirmava que o amor era básico para a procriação: “Fidelidade é a virtude que também sustenta o segundo valor do matrimônio, a prole. Esse segundo valor impõe a aceitação dos filhos no amor, sua criação na afeição e sua formação na religião cristã” (FIORENZA, 1989, p. 405-406).

O casal cristão não pode se fechar em seu mundo. Eis o sentido da quarta prece: “Dá-lhes a plenitude de seu mútuo afeto que resulte em amor e preocupação pelos demais. Amém”. Nesta perspectiva a oração se estende para todos os demais casais: “Permite que as todas as pessoas casadas, que tenham

sido testemunhas destas promessas solenes, tenham suas vidas fortalecidas e reafirmadas as suas lealdades. Amém”.

A família é um modo privilegiado de Deus de realizar sua salvação. Na teologia agostiniana, que teve forte influência na Igreja Anglicana, em sentido amplo, todo o matrimônio, e não somente o cristão, são “sacramentos”. No seu livro “Os benefícios do matrimônio” ele afirma que o matrimônio possui três valores básicos: fidelidade, prole e sacramento. Fidelidade para ele era mais que algo associado ao sexo, implicava amor, compromisso e confiança. Por isso todo matrimônio é símbolo do amor de Deus. Como lembra Fiorenza: “Esta visão de matrimônio como sacramento ressalta que o matrimônio é um símbolo de unidade e paz social. Não é simplesmente que a fidelidade de dois cônjuges auxilie na criação contínua dos filhos, mas também que a união visível do casal simboliza a unidade escatológica de todos os povos da terra”. (FIORENZA, 1989, p. 406).

Por isso a última oração inclui toda a humanidade: “Faze com que os laços de nossa humanidade comum sejam de tal modo transformados pela tua graça, que a tua vontade seja feita na terra como no Céu, onde vives e reinas, ó Pai, com teu Filho e o Espírito Santo, em perfeita unidade, pelos séculos dos séculos. Amém”. Aqui há um ponto polêmico que merece ser destacado: a ênfase alcançada pelo amor romântico em nossas sociedades. Não se trata de negar o desejo sexual ou o sentimento dos cônjuges, mas de chamar a atenção para a real dimensão do casamento cristão: “É preciso tomarmos o matrimônio como um sinal ou símbolo da nova comunidade de cristãos sob o impacto do Espírito, então poderemos compreender melhor a nós mesmos como cristãos em relação com a história e a memória histórica”. (FIORENZA, 1989, p. 428).

A bênção final é um resumo de tudo que foi dito até aquele momento. O casal deve recebê-la de joelhos (p. 189). Há duas formas a serem usadas. A fórmula mais longa faz uma “rememoração” (*anamnese*) do matrimônio na Bíblia, com destaque para a Encarnação em Maria, numa invocação ao Espírito Santo (*epiclesis*) sobre o casal por toda a vida: “Guia-os na alegria da tua paz. Que seu mútuo amor seja um selo sobre seus corações, um manto sobre seus ombros e uma coroa em suas frentes”. É uma oração muito bela. E expressa a intenção vitalícia do casamento, na vida e na morte – uma visão da vida que vai para além do presente pós-moderno. A fórmula mais breve reza: “Concede tua bênção a estes teus filhos para que se amem, honrem e cuidem, com fidelidade e paciência, com sabedoria e verdadeira paz, de tal maneira que seu lar seja refúgio de bênção e de paz”. Esta bênção nos lembra que o amor para durar deve ser cultivado como uma planta e fortalecido pela graça de Deus.

Conclusão

O matrimônio é o sacramento do amor. E o amor é mais bem definido pelos poetas que pelos teólogos. Mas há exceções. É com uma delas que finalizo este pequeno texto: “Dois espíritos unem-se diante do difícil e do trágico da vida, dois mundos colocam-se em comum sua riqueza e sua pobreza, sua história e sua eternidade. É a história da humanidade desde Adão e Eva que se projeta em sua frágil existência. É todo o masculino e todo o feminino que presidem a este nascimento no amor e esperam discernir nesta síntese universal uma resposta a sua expectativa, um milagre. Por este motivo, todo amor é sempre único e sua promessa é como o primeiro sol sobre a manhã primeira” (Paul Evdokimov).

BIBLIOGRAFIA

BAUER, Johannes. **Dicionário bíblico – teológico**. SP: Loyola, 1994

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO – CATÓLICA ROMANA. **Vida em Cristo**: moral, comunhão e a igreja. SP: Paulinas, 2001

EVDOKIMOV, Paul. **O sacramento do amor**: o mistério conjugal à luz da Tradição ortodoxa. SP: Paulinas, 1989

FIORENZA, Francis (org). **Teologia sistemática**: perspectivas católico-romanas (v.2). SP: Paulus, 1997

IEAB. **Livro de Oração Comum**. Porto Alegre: Metrópole, 1999

LACOSTE, Yves (org). **Dicionário crítico de teologia**. SP: Paulinas, 2004.

PAGOLA, José Antonio. **Originalidade do matrimônio cristão**. SP: Paulinas, 2000

TABORDA, Francisco. **Matrimônio - Aliança-Reino**: para uma teologia do matrimônio como sacramento. SP: Loyola, 2001

WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. Porto Alegre: Sinodal, 1997

TEC. **The book of common prayer**. And administration of the sacraments and other rites and ceremonies of the church. USA: Concocation of American Church in Europe, 2003